

ZIG/JAC: MAG
Razão de um Percurso
Falatório 2013 – Seção 5
MD Magno

Realizado no auditório da Universidade
Candido Mendes Ipanema, 10 set 2013.

30. Espero que esta seja a última vez que eu fale sobre este assunto. Ele é antigo, data da década de 90 do século passado. Já foi reapresentado em 1997 nada mais nada menos do que num auditório do Palácio do Planalto, em Brasília, ao tempo do Fernando Henrique. O Presidente reunira alguns ditos intelectuais brasileiros para arriscarem um cenário para 2020. Depois, repeti tantas vezes, embora hoje tenha coisas a acrescentar sobre o que então chamei **Creodo Antrópico**¹. Trata-se de um esquema da *fundamentação sintomal* que me parece servir para explicar a sequência do périplo histórico, tanto o de nossa espécie, quanto o pessoal de cada um. No presente conturbado que atravessamos talvez sirva para nos orientar um pouco sobre o que acontece hoje entre os humanos neste Planeta dos Macacos Sem Sentido.

Certamente notaram que repeti demais nestes nossos encontros as ideias de **Primário**, **Secundário** e **Originário**.

¹ Apresentado inicialmente no Seminário de 1994, *Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise* (Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2008, 2ed).

Preciso que estes conceitos estejam bem entendidos justamente porque são eles que constituem a **Tópica do Inconsciente** que desenhei para a Nova Psicanálise. Certamente também se lembram das *tópicas* anteriores. As duas de Freud: *Consciente*, *Pré-consciente* e *Inconsciente*, que é a primeira; e *Id*, *Ego* e *Superego*, a segunda. Depois, a tópica de Lacan: *Real*, *Simbólico* e *Imaginário*. Elas foram de grande serventia para os sistemas desses dois precursores, mas, como não servem para meu sistema, tive que propor a nova tópica que lhes apresentei da vez anterior (Primário, Secundário e Originário).

Voltemos ao *Creodo Antrópico*. *Cre-odo* é um termo tirado da língua grega que é importante na Teoria das Catástrofes, do matemático francês René Thom: *cre*, obrigatório, necessário; *odos*, caminho, percurso. Portanto, caminho obrigatório, percurso necessário. Por exemplo, o da água que desce da montanha. Dadas a formação de nosso planeta e a distribuição orográfica de seus relevos, se jogarmos água de cima, ela descera, não há outro caminho, nunca a vimos subir espontaneamente. Assim, sempre que é dada uma formação que configura certa situação, algo ali acontece que este acontecimento fica premido. É como se fosse um sintoma que se repete necessariamente por um caminho necessário. Quando a situação não é neutra, não há como escolher o caminho, pois, se a situação tem algum desenho, algum caminho se obriga.

Propus, então, o que chamo Creodo Antrópico como o caminho obrigatório da sequência sintomática de nossa espécie, bem como, semelhantemente, o de qualquer tipo de *IdioFormação*.

Lembrem-se de que *IdioFormação* é qualquer espécie, em qualquer lugar do universo, seja qual for sua origem – de carbono ou não, descendente de macaco ou do dinossauro –, que tenha a condição nossa de reviramento e que, portanto, seja capaz de produzir Secundário. Em nosso caso, tem as características de mamíferos, de primatas, aos quais aconteceu o fenômeno do Revirão. Por isso mesmo, digo que é um Creodo *Antrópico*, típico de nossa espécie. Qualquer espécie de *IdioFormação*, em qualquer lugar do planeta, se o teorema que estou trazendo estiver certo, passaria pela mesma situação de encaminhamento. Em outros lugares, elas teriam, por exemplo, um Primário de lata, de matéria plástica, etc., que, se revira, produz o Secundário – e aí temos um colega na mesma situação que nós.

31. Então, dada a fortíssima pressão de formações de recalques – as formações primárias e secundárias, suas decantações, são sempre recalcentes de outras possibilidades – que sofrem tanto a espécie quanto cada um de nós, o caminho de nossa ordenação sintomática, obrigatória (que não é o mesmo que universal) é o seguinte: Primário → Secundário → Originário.

Como disse da vez anterior, o que emerge espontaneamente na dita natureza é o *Primário*. Acontece dentro dele um fenômeno excepcional e por isso brota o *Originário*. Uma vez que brota o Originário, o *Secundário* é produzido pela relação do Originário com o Primário. Vejam que a ordem não parece a mesma daquela que acabei de colocar. Não parece porque, depois de tudo constituído, o Primário é um conjunto enorme – digamos que “infinitamente” grande – de formações. Se toda formação, seja qual for, é necessariamente recalcante, por querer se repetir enquanto tal, ela se parece com uma neurose. É como o que dizem na teoria dos sistemas: todo sistema insiste em *sistir*. Ou como dizia nosso velho amigo Espinosa: é um *conatus* – uma exigência de sustentação daquela formação. As formações não querem deixar de ser as formações que, por acaso, se constituíram. Em seguida, então, como apareceu o Originário, surge o Secundário, que é nosso *software*: somos capazes de inventar qualquer tipo de **Prótese**, como chamo.

Nossa espécie é doidinha, começa a proliferar no Secundário e a inventar próteses para si mesma: cadeira, luz, telefone, avião, dente... Uma dessas próteses, e apenas uma, é a chamada *linguagem*, que é o que constitui as várias línguas. Vivemos um século passado que fazia a suposição de que era a linguagem que produzia tudo. Este sonho acabou. **É a competência de fazer**

próteses que faz inclusive, depois de milênios de próteses, aparecer uma língua, por mais primitiva que seja. Ela é uma prótese como outra qualquer. Inventamos linguagem e a própria linguagem falada, que são próteses. Vários antropólogos demonstram isto. Por exemplo, André Leroi-Gourhan, que foi diretor do *Musée de l'Homme*, em Paris, com sua observação da produção humana de tecnologia desde a pré-história. Ou seja, junto com esse negócio de falar veio muita prótese. São as próteses produzidas pelo Secundário porque há o Originário.

Como disse, **qualquer formação é sintoma**. Conseguimos revirar esse sintoma ou não, deslocá-lo ou não. Leva milênios na história para deslocar um sintomazinho ideológico. A sequência sintomática é esta – Primário → Secundário → Originário – porque o Primário foi dado de graça, foi espontaneamente produzido. Apareceu o Secundário, que não é senão uma imitação do próprio Primário, cujos modos de composição e de articulação foram parar dentro do Secundário como competência protética, como língua, como tudo isso que conhecemos. Em última instância, na verdade, quem fica na situação de desembaraço da ordem sintomática é o Originário. Sempre que conseguimos lutar contra, ou driblar, o Primário e o Secundário e fazer uma nova prótese, uma nova produção, tivemos que apelar para a competência de Revirão, que é a competência do Originário. Isto porque ele é neutro. Para ele,

está valendo tudo, não tem pegadas ou definições. Ele é nossa máquina fundamental. Esta espécie é – especificamente, de verdade – a espécie do Revirão. Mas como é também um bicho que, de saída, para sobreviver, tem que fazer todas as concessões ao Primário, e depois, tem que ter a chance, lentamente, de inventar o Secundário ou de aprendê-lo já pronto, geralmente fica funcionando como qualquer neurótico, repetindo formações do Primário ou do Secundário. Há gente que morre sem revirar uma única vez, há outros que se viram bastante.

Faço, pois, a suposição – não de araque, mas pelo que se pode estudar da história, das produções, da performance genérica da humanidade – de que, dado que a espécie dita *homem* apareceu no regime do Primário, seu espontâneo, o boneco, seja uma produção do Primário. Isto, sem intervenção de ninguém. Alguns acreditam que haja Alguém lá em cima fazendo mágica, mas aqui, na base da ciência, isso surgiu espontaneamente neste universo. Provavelmente em outros, deve ter surgido algo parecido. Então, dado o espontâneo que vem como Primário, a primeira referência desta espécie – estou falando de nós, humanos – não pode ter sido senão o Primário funcionando, fazendo tudo quanto é recalque, limitando esse bicho a suas competências mínimas, quase como um animal, como qualquer macaco. Só que, como brotou essa coisa chamada Originário, lentamente, de vez e quando, ele

começou a enlouquecer, a inventar machado, barco, uns galhos para morar embaixo... Depois de milênios e milênios, ele inventa uns sons esquisitos para falar com o outro, vai distinguindo esses sons, produzindo uma língua e chega à loucura radical que vivemos hoje. Chega à proliferação espantosa de materiais novos criados pela evolução do Secundário. Ou seja, aproveitou-se da disponibilidade do Secundário, que é nosso, e do espontâneo, que é o que a natureza oferece.

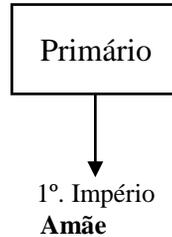
32. Do ponto de vista de nossa existência no planeta, esse quase-bicho que, pressionado pela loucura dos reviramentos, começa a inventar-se como gente, não tinha outra referência senão o Primário. Então, se, em qualquer língua primitiva que tivesse, ele se perguntasse *quem sou eu* – quem sou eu dentro de meu grupo, de minha sociedade?, por exemplo –, ele só teria uma maneira de procurar sua origem. Aquela óbvia: sabemos que ele estava dentro da barriga de uma fêmea e foi parido. Todos ali ficavam observando o nascimento e marcando o bichinho novo dentro da ordem. Ele, portanto, não tinha saída senão ver-se como alguém que é o *filho da mãe*. Como ninguém fazia ideia de que era preciso copular para fazer neném, a mãe certamente devia parir todo ano e os filhos eram da mãe. Na melhor das hipóteses, se já tivessem

inventado os deuses, os filhos seriam de algum Deus junto com a mãe. Ela era uma espécie de Virgem Maria originária.

A referência da Mãe era o status de qualquer pessoa. Já era uma pessoa, portanto. Se tem Primário, Secundário e Originário é uma pessoa, qualquer que seja o tipo. Chamo, então, o momento inaugural da espécie como produtora de próteses, de língua, de organização social, de **Primeiro Império**. E, dada a situação histórica que conhecemos mediante as várias áreas de estudo e mesmo de ficção, chamo esse Primeiro Império, do Primário, de **Império d'Amãe**. Coloco numa palavra só para marcar a situação imperial. Este Império d'Amãe nunca deve ter sido um matriarcado. A suposição mais frequente entre os antropólogos é de que nunca houve matriarcado. O que há, em alguns povos bem primitivos, é o sistema matrilinear: a pessoa se nomeia como descendente da linha materna. Isto ocorre num período tardio, pois nesse momento inicial, e durante um longo período, cada um diz: Eu sou o filho da mãe. Os machos dominavam tudo e certamente entregavam os filhos para a mãe cuidar. É como os elefantes que deixam as fêmeas com os filhos, vão embora e voltam somente para mandar... para mandar brasa, como se diz.

Então, temos o Primeiro Império, o Império d'Amãe, aquele cuja referência é estritamente o Primário. A única referência que a pessoa tem é que ela veio do Primário, mas já consegue articular

coisas. Entretanto, ao se perguntar *quem é eu*, a resposta é: eu é o filho da mãe.



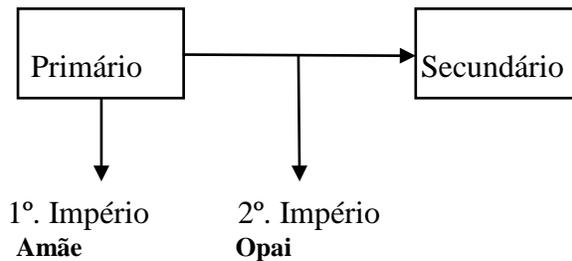
33. Passaram-se milênios e as próteses foram se produzindo lentamente até que chegou um momento importante na história da espécie – e supomos que aconteça do mesmo jeito a qualquer espécie que tenha Primário, Secundário e Originário – em que, de tanto utilizar o Secundário, sem se dar conta, inconscientemente, ela começa a prestar atenção ao Secundário como sendo um modelo possível de organização de seu mundo. Ao fazer isto, descobre que pode começar a organizar as coisas pelo Secundário e não mais apenas pelo Primário. O Secundário, então, vai lentamente crescendo e toma a hegemonia de um modo tal que os antropólogos, sobretudo aqueles do estruturalismo como o Doutor Lévi-Strauss, acham esse momento tão importante que consideram ser a *passagem de natureza a cultura*. Considero isto, hoje, uma tolice do século XX, mas naquele momento foi importante. O que houve foi a **passagem da referência do Primário ao Secundário**, que é algo que não acontece de repente. Não é revolução, e sim uma *evolução*: o Primário vai se enriquecendo de Secundário, este

vai tomando a hegemonia e, um dia, tem – ou não – a hegemonia total.

O que acontece aí no meio? Antes ainda dessa hegemonia, fica-se perdido entre a referência primária, que é insistente e importante, e a emergente referência secundária. Nesse momento surge a ideia, mesmo o reconhecimento, de que há *Pai*. Ou seja, *Eu* já não é mais só o filho da mãe. Quando os homens começam a criar propriedades, alguma prótese é produzida para se descobrir de quem se é o filho. Descobre-se que é transando que se faz filho, o qual é, então, o filho de tal homem com tal mulher. Isto foi aprendido na produção do Neolítico, quando começaram a observar os animais que antes criavam meio soltos e perceber que podiam isolá-los e fazer linhagens de produção de gado. Para tanto, deviam separar as fêmeas e escolher qual macho iria copular com elas. O mesmo, pensaram eles, aconteceria com nossa espécie. Assim, para saber que o filho é de tal homem, bastava aprisionar as mulheres, não deixar que transassem com outros que não ele.

Existe, pois, a ideia de que, mesmo primariamente, *há Pai*. Ainda não havia a ideia de genética, mas já era possível observar um aparelho biológico que dava a impressão de que o filho resultava da cópula de tal macho com tal fêmea. É claro que sempre houve o vizinho que pulava a cerca, pois, literalmente, os bichos também pulavam a cerca. Como passaram a tomar conta

direitinho das fêmeas, ficaram com a impressão de que o filho era também de tal macho. O que importa é que a referência desse indivíduo biológico constituído primariamente começa a deixar de ser apenas a Mãe e passa a ser o Pai. O Pai só pôde aparecer por uma intervenção do Secundário no Primário, isto é, por uma tecnologia que só foi inventada porque importava o Originário para secundariamente analisar e produzir uma prótese. Os animais não fazem isto por não terem Originário e, conseqüentemente, não terem Secundário. Aparece, então, o **Segundo Império** ou o **Império d’Opai**:



Foi um Império difícil e turbulento, pois a referência ainda era partida. O Primeiro Império deve ter demorado e ter sido mais difícil de modificar por ter uma referência única e dominante. O Segundo não tem uma referência única e nem mesmo dominante. Por isso, é um Império que levou milênios também para se implantar. Nele, cada um se referia ao Secundário e ao Primário. Tanto é que a ideia de Pai só apareceu constituída a partir de um

aparelho tecnológico capaz de dizer que, no Primário, aquele tal era o pai.

É um Império partido entre duas referências, muito turbulento, que consegue inventar coisas incríveis, mas fica esgarçado, ora puxando para cá, ora para lá. É, por exemplo, o momento em que se inventam diversos deuses, todos partidos entre Primário e Secundário. Em nossa cultura greco-judeu-cristã, o caso típico são os judeus. O Deus do judeu não é estritamente secundário, ele tem aparências humanas e até carnis. É, aliás, uma confusão dos diabos. Isto, mesmo sendo o Segundo Império um passo gigantesco: inventaram o pai e, no caso dos judeus, esse pai deixando de ser distributivo por várias figurações e sendo único. A invenção do **monoteísmo** é algo de gênio: “Vamos fazer de conta que há um Pai!” – mas ele ainda está meio perdido entre Primário e Secundário. Basta ler a história, os textos religiosos e literários, para imaginar a confusão entre o carnal e o espiritual que foram esses milênios todos. Nasce aí a bobagem que foi campeã no século XVII com o Doutor Descartes de achar que espírito e matéria são separados. Isto porque a referência é dupla.

34. O Segundo Império cresce, então, literária e historicamente até chegar um momento que é parecido – se não for herdeiro dela – com o que chamam *Era Axial*, em que, entre os anos 800 e 200

antes da era comum, surgiram pessoas como Confúcio, Buda, Zaratustra, e começa a brotar, em vários pontos do planeta, a ideia de que minha referência precisa deixar de ser partida entre Primário e Secundário e passar a ser sempre secundária. Isto porque nada mais próximo da espécie do que o Secundário, já que o essencial é o Originário e o Primário é *dado* para qualquer animal. Passa, então, esse longo período de referência entre Primário e Secundário e aparece a ideia de que a referência desta espécie é secundária. O Primário é acontecimento espontâneo, mas somos, como diziam no século passado, os seres *falantes*, somos os seres pensantes, que produzem próteses – esta é a nossa referência –, e não um mero animal. Depois, então, de milênios perdidos entre o espírito e a carne, começa uma corrente que diz para passarmos a hegemonia ao Secundário puro, pois ele é que rege o resto.

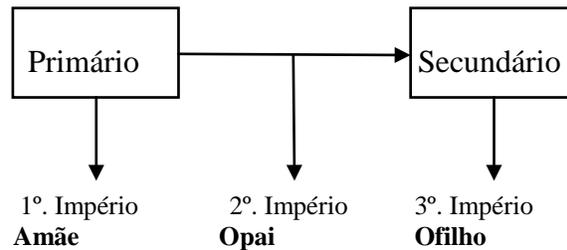
O Primário continua lá, os vícios do Primeiro e do Segundo Impérios permanecem por baixo, sempre atrapalhando, pois não se mata um sintoma com facilidade, ou melhor, sintoma nunca morre, mas vai instituir-se uma ordem cultural cuja hegemonia de referência é o Secundário. É o que acontece no que chamo de **Terceiro Império**, o **Império d’Ofilho**. Vejam que isso está na história das religiões. Tiraram a mãe, mas a estou colocando de novo. Ela estava escondida, tão recalcada que somente no século

XII é que se inventou a Virgem Maria. Era preciso recalcar a mãe para poder inventar o Pai para progredir e afastar aquele Primário da mãe. A mãe só existe no Primário. Depois que existe o Pai é que ela se torna a mulher do Pai no Secundário: a senhora fulana, a madame fulana. Antes disso, era a mãe, mais nada, quase um bicho.

Quando o Império era do Pai, cada pai tinha pátrio poder, comando e até direito de vida e morte sobre os filhos. Foram, então, percebendo que havia muito pai. Isso é tomado pelo lado Secundário e o Pai vira uma coisa abstrata, do Secundário. Aí inventam a ideia de um único Pai, que não está nem aqui, está no céu, como foi o caso no cristianismo (que é uma das – não foi a única – geniais invenções do Terceiro Império no Ocidente). Trata-se de uma ideia abstrata de Pai como *símbolo*. Um *Pai Simbólico* resulta de entenderem que a paternidade é genérica, é de todos os pais. Cria-se a ideia de um Pai abstrato que é o pai de todos: “Somos todos da humanidade, então temos um Pai só, que está no céu”. É esse o grande golpe do cristianismo: todos somos irmãos. Antes não era assim, o filho do outro praticamente, potencialmente, diretamente, era um inimigo, pois podia tentar me matar, tomar minhas terras, minhas mulheres, meu gado... E junto com a ideia do Terceiro Império vêm aquelas de amai-vos uns aos outros, de amor ao próximo. Isto porque o Pai é um só. Inventou-

se, pois, um pai abstrato e simbólico que, sendo o Pai de todos, faz de todos filhos do mesmo pai, portanto *irmãos*.

O Terceiro Império tem uma vantagem enorme sobre o Segundo. Como no Primeiro, a hegemonia é sozinha, não é dividida em sua construção como sintoma cultural:



Mas nunca os outros Impérios desaparecem. Por isso, quando lemos a história, a antropologia, vemos uma confusão. A hegemonia é do Secundário, de Terceiro Império, mas, por baixo, estão comendo os sintomas antigos, sempre retornando. Entre nós, o cristianismo foi uma grande invenção, mas acho que podia ter sido melhor. Mediante minhas leituras de História, faço a suposição – mera suposição – de que, se não tivessem assassinado o pobrezinho do Caio Julio César, teríamos um Terceiro Império sem religião, que é o que ele estava tentando inventar. Mas o mesmo império romano que tinha estrutura de Segundo Império se tornou hegemônico no planeta. E logo que apareceu pela via que deu, que era a dos cristãos, a ideia de Terceiro Império e começou a colar e ficar mais dominante, não foi senão o Imperador romano

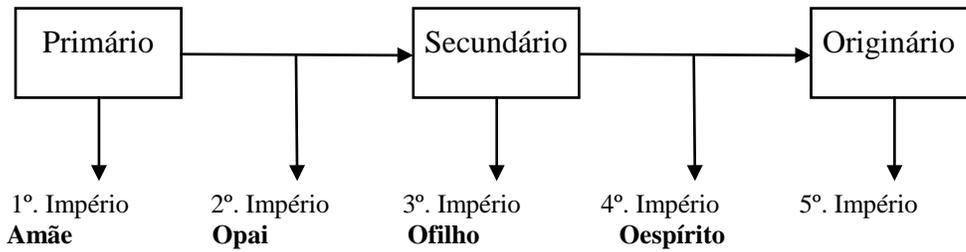
quem faturou. Constantino faturou a ideia de Terceiro Império junto com aqueles que a estavam preconizando, que eram os Cristãos. Ele teve uma visão, viu coisas, fez o diabo para transformar o império romano em império cristão. Quando se torna Terceiro Império mediante o imperador assumindo o cristianismo, a coisa vai indo de tal modo que o cristianismo toma conta do que sobrou, dos cacos do império romano e se torna o Império do Vaticano. Até hoje, está lá o Chicão que não nos deixa mentir. Esse império está tropeçando, fazendo um esforço danado para sobreviver, mas não vai embora com facilidade.

Vejam que o Terceiro Império impõe de tal maneira a pressão do Secundário que toma uma força extrema. Basta perceber, em nosso caso de Ocidente – houve também o império romano oriental e o império russo –, que essa mentalidade foi hegemônica e dominante por milênios, tinha o poder absoluto. Basta acompanhar a história do cristianismo para ver que quem não pensasse como ele era posto na fogueira. Não se podia, por exemplo, fazer ciência sem Deus. A hegemonia de Terceiro Império é brutal. Quem não aceitasse não era filho de Deus, era filho da... vida, um herege. Não era aquele que não *acreditava*, e sim aquele que não *reconhecia* que era filho de Deus. Todos que estão aqui agora passaram pelo Terceiro Império, não pelo rigor absoluto de Idade Média, etc., mas ele está aí, é visível.

O século XX – que acabou mais ou menos em 1980, não se deixou o século chegar ao fim do calendário – constitui os últimos estertores do Terceiro Império, das últimas construções que ainda queriam ser estritamente simbólicas, estritamente referidas ao Secundário, seja no campo da religião, das ciências, da filosofia e das artes. É um século que fez coisas incríveis, todas submetidas à ideia de Terceiro Império. No final do século XX, então, em 1980, morre o século, mas não o Terceiro Império, que está ainda atazanando a gente e vai durar muito. Só que agora ele está, tal qual os outros, como rescaldo sintomático do que aconteceu no século XX, que, dos pontos de vista religioso, artístico e científico é forte demais para ser largado de repente. Mas a coisa foi de tal maneira que tudo começou a explodir. A referência estrita ao Secundário, ou seja, a formações sintomáticas bem construídas – que é o que o Secundário produz: próteses secundárias, ideologias, filosofias, ciências –, trouxe sintomas vigorosos e, às vezes, eficazes, dos quais fica difícil passar por cima. Acontece, então, que os próprios eventos na produção de próteses, sejam elas quais forem – ficamos sonhando que foi apenas a tecnologia, a *internet*, mas não foi –, por emergirem e começarem a ser conhecidos por cada vez mais pessoas, uma vez cruzadas as suas ideias, começaram a mostrar que o Secundário sozinho não se aguenta, que ele é quase tão sintomático quanto o Primário.

35. A partir do momento em que deixamos de seguir um único pensamento, começamos a estudar e vemos que um filósofo diz uma coisa, outro diz outra, a ciência diz isso, um autor diz que só é ciência se disser aquilooutro, e vira uma tal Zorra Comunicacional que as formações antes apresentadas como fundamentos de certas ideias, de certas ideologias, começam a ser verificadas como relativas, sem a menor condição de serem universais ou de quererem mandar no resto. O que começa a funcionar como revirante do Terceiro Império? A própria comunicação vem mostrar que há um lugar, o Originário, que não muda, mas, ele, como referência, sacoleja tudo. Então, se passamos a nos referir a ele, vemos que se relativiza quase tudo. Isto porque *tudo* são formações produzidas, próteses como outras quaisquer, e nenhuma tem o direito de mandar em outra, nenhuma tem direito à hegemonia, pois a ideia de verdade lá contida é apenas *uma* ideia de verdade e a ideia de conhecimento lá contida é apenas *uma* ideia de conhecimento. E, **no finalzinho do século XX, começa a brotar a referência ao Originário: ela está nas ruas.** A pessoa não precisa saber que está fazendo referência a ele, mas como foi sacolejada, se não é nada disso, se não há hegemonia possível de nenhuma formação secundária, então *Eu* não posso ser da espécie *x* ou *y*.

No Secundário começaram a ser criadas novas espécies: a do cristão, a do maometano, a do judeu... Eram *espécies*, a pessoa não se deslocava delas – e quando o outro aparecia com sua espécie diferente, ele não podia ser irmão enquanto filho do mesmo pai. Vejam que o monoteísmo é politeísta, pois o mesmo Deus é único, mas aqui tem uma cara, ali tem outra. Então, qual é a cara dele? Apresente seu rosto de fato. O rosto de fato que apareceu foi que o Império d’Ofilho, muito poderoso e coerente, porque sua referência é o Secundário, começou a ser movimentado, chacoalhado pela emergência mais violenta do Originário. As formações do Secundário, dadas a comunicação e a exacerbação de informações, começaram a mostrar que ele, o Secundário produzido, não estava com nada, que não podia ser universalmente verdadeiro. Foi isto que fez emergir dentro de cada um seu registro de Originário. Afrouxou para o lado de cá e apareceu nitidamente que há um Originário que não é da ordem estrita do Secundário. É o que está acontecendo conosco: estamos, mais ou menos desde a década de 1980, com o século XX já morto, entrando no que chamo de **Quarto Império**, o **Império d’Oespírito**, que fica entre o Terceiro e o Quinto.



Vejam que estou tomando coisas da história: mãe, pai, filho e espírito (santo ou não). Chamo de **Oespírito** o que podemos pensar materialmente como Espírito, ou seja, a **pura informação** mexendo em tudo. Oespírito é absolutamente material, não há aqui a divisão do nosso amigo Descartes. Aliás, na mesma época dele havia um pensador, mais sério, chamado Espinosa, que já ensinava tudo isso. Mas o século XVII precisava ser muito de Terceiro Império e só agora estamos com direito de reconsiderar a importância maior de Espinosa.

O Quarto Império é essa joça em que estamos entrando, com todos atônitos, ninguém entendendo mais coisa alguma. O que está acontecendo? Vão jogar uma bomba? Já é evidente a confusão: umas pessoas dizem uma coisa, outras dizem outra, a efervescência continua e já está nas ruas, até mesmo no Brasil. Ou seja, **acabou o Terceiro Império**. Ele ainda está vigorando dentro dos poderes constituídos, ainda há o Estado do modo que existia, igrejas e religiões do modo mais ou menos que existiam... Mas está tudo mais ou menos sendo mudado, sendo minado pela referência dupla

ao Secundário e ao Originário. Não temos ainda constituídas à nossa disposição formações adequadas tipicamente de Quarto Império. O que temos são religiões, histórias, filosofias, ciências, tudo ainda com cara de Terceiro Império. Um pensador ou outro, um cientista ou outro, já começa a arriscar a produzir próteses tipicamente de Quarto Império, que é dilacerado como o Segundo por não ter uma referência única. Não é possível agora constituir um mundo cuja referência única seja o Originário, mas a referência dominante está lentamente se tornando a originária, aquela que diz coisas como: “isso é o que você acha, eu não penso assim”, “essa é apenas a teoria do fulano, pode ser boa, mas há outras”, “não me venha com ideias religiosas porque também tenho as minhas”, “não me venha dizer o que é normal em minha sexualidade, porque o normal sou eu”...

Será muito difícil sobreviver no Quarto Império, pois, nele, a sintomática de Terceiro ainda está em pleno vigor e qualquer pessoa fica dividida entre as construções do Terceiro e a pressão do Originário. O que acontece, então, hoje, é que, para organizar a zorra instalada na face do planeta, a maioria corre para trás. É normal, a maioria sempre correu para trás. Sempre que sentem a turbulência e o medo da turbulência, as pessoas correm para trás. Ou seja, para onde supunham que estava garantido, que era isso mesmo. Só que o “isso mesmo” acabou, mas ainda não deixam – e

falta muito para isto – de se referir hegemonicamente aos *produtos* do Terceiro Império: pensamentos, religiões, filosofias, ciências. Entretanto, como disse antes, o próprio movimento, a transferência comunicacional, está abalando até mesmo essas pessoas. Elas estão com referência ali, mas já começando a fazer coisas de cá. Isto porque as coisas do Quarto Império são mais agradáveis, mais interessantes talvez, mais libertárias.

36. Quando falo em *Creodo Antrópico* quero dizer o que mencionei sobre o movimento da água na montanha: se passar, será por ali. Mas como **nada obriga** que irá passar, este é o problema sério de atravessar o Quarto Império. Conseguiram atravessar o Segundo, vamos ver se conseguem atravessar o Quarto, ou, ao contrário, se tudo degradingola, ou mesmo se estaciona neuroticamente e volta um pouco. Não sabemos. Suponho que seja difícil voltar por causa da **produção protética** – não gosto de falar em *tecnologia*, pois parece que é só ela – que está entrecruzada e deslocando tudo. Poucas pessoas no planeta – entre as quais me incluo, desculpem a falta de modéstia – estão fazendo o esforço de sair do Terceiro de vez para ir para o Quarto Império. Faço a suposição de que teremos ainda uns cinquenta anos de conflito, que vai encher o saco, produzir muita desgraça, e aí o pessoal vai querer arrumar. Então, teremos talvez uns duzentos

anos de implantação. Todos os habitantes atuais do planeta estarão defuntos quando começarem a implantar, de fato, o Quarto Império. É mera suposição minha: teremos que, primeiro atravessar o conflito da passagem, muita guerra, muito sangue, luta, morte, desgraceira, porque as pessoas têm cabeça de Terceiro e estão entrando atônitas no Quarto Império. Não preciso comentar o que está acontecendo na face do planeta: uma conflituação generalizada – e que vai aumentar, podem esperar. Toda vez que a produção secundária comparece, imediatamente produz naquele que é sintomático, fanático, dessa produção – como é a maioria de nós –, um distúrbio. A pessoa se sente agredida pela mera existência de um pensamento diferente. Sempre que aparece um pensamento novo, uma teoria nova, o primeiro impulso é calar aquele que o traz. A história mais recente e com mais vigor é a da Inquisição na Igreja católica. O pensamento novo deve ser calado por estar tirando meu conforto, por estar me aborrecendo.

Daí que, como todos estão sabendo tudo que acontece, o conflito cresce. Isto porque ainda não foi inventada, para se generalizar para a humanidade, uma **prótese mental**, intelectual, uma ideia, que possa resolver esse problema de maneira referenciada mormente ao Originário. Isto vai demorar muito. Felizmente, as pessoas morrem: a morte é um santo remédio. A terceira geração já vai encontrar a coisa mexida, mas os que estão

vivos hoje sofrem da nossa imbecilidade de termos essa história toda. Ou seja, isso é uma neurose nossa que recalca o movimento. Se não, todos estariam correndo para a frente para entender, procurariam formações novas, teorias novas, que mexessem nisso. Mas as pessoas em geral estacionam – é o que chamo de *Morfose Estacionária*, que antigamente chamavam de Neurose – ou regridem, isto é, ficam praticamente Psicóticas. E alguns que querem andar para a frente, por não entenderem como fazê-lo, entram numa perversidade radical. Também ocorre isto.

Utilizando os termos antigos, nosso momento não é nem neurótico, nem psicótico, é *perverso*. O nome não presta, **o conceito de perversão é um conceito perverso**, é maluquice da passagem do século XIX para o XX, é beatice. Por isso, chamo de **Morfose Progressiva**, que pode dar nas mais diferentes coisas, inclusive em maldades, como o psicótico pode, como o neurótico também pode. As perversidades não são sempre progressivas. A Inquisição é progressiva? Por isso, é preciso mudar, reformatar os pensamentos. Não é comum no Brasil supor que brasileiros possam fazer coisas. Costumamos comprar pronto de fora – e pagar o triplo do preço. Meu esforço é no sentido de repensar por aqui mesmo tudo isso. Por quê? Porque, desde os dezessete anos, venho caminhando dentro da mentalidade psicanalítica que me foi

imposta pelo Doutor Freud. Caí neste buraco e é nele que tenho que viver, não vou procurar outro.

37. Direi agora algo que vocês precisam desenvolver e verificar, pois pode parecer que não é bem o que digo. Freud cria a ideia de psicanálise a partir de uma longa invenção, da ideia de inconsciente e de muitos conceitos que não são inicialmente dele. Já lhes disse que o único conceito que realmente é de Freud é o de **Pulsão**. Os outros já existiam, ele apenas os re-situou, planejou o processo, renomeou e esclareceu a seu modo.

Se prestarem atenção, verão que o passo de Freud é gigantesco ao inventar a psicanálise. Sobretudo, por colocar em questão todos os saberes de sua época. Isto, pelo modo com que operava. Entretanto, as formações configuracionais da psicanálise de Freud são por demais referidas ao Segundo Império. Ele achou funcionando, por baixo do Terceiro Império, um monte de sintomas de Segundo. Principalmente, um sintoma típico que lhe pareceu ser uma espécie de chave-mestra da psicanálise: a ideia de **Édipo**. Mas **o conceito de Édipo** – sua elaboração enquanto fenômeno que tem funcionar dentro do consultório: a pessoa precisa atravessar o Édipo para se curar – **não é senão a invenção do Pai**. Ou seja, é o mesmo projeto que aconteceu no Segundo Império. Freud viu isso nas pessoas e, melhor, que isso se repete na

história de cada um *mesmo*. Cada um, em sua historinha pessoal, passou pelo Primeiro Império, grudado nos peitos da mãe; pelo Império d’Opai, com forçação do simbólico regulando sua posição pessoal. Cada um, cada história pessoal, atravessa os mesmos Impérios. Não há saída, já que temos Primário, Secundário e Originário. Só por isso. O bebê é um animal e, como supõe-se que ele tenha o Originário, o Secundário toma força, aquilo vai indo e ele passa para o Segundo Império. Freud percebeu que esse fenômeno psíquico existia e concluiu que há que atravessar o Édipo. Ele inventou e colheu mil historinhas de clientes para explicar, mas quem veio mostrar exatamente o que acontecia no Édipo de Freud foi o Doutor Lacan, no Terceiro Império. **Lacan é uma mentalidade nítida de Terceiro Império, é praticamente um católico.** O tempo passa, releiam-no agora que lá encontrarão... a Virgem Maria, sempre ela. Ele, aliás, gostava muito das virgens Marias, desde que não fossem virgens.

Lacan tomou a obra de Freud, entendeu seus processamentos e formulações e, estritamente de acordo com seu tempo, produziu uma obra gigantesca, genial, em cima da mentalidade de final de Terceiro Império, pois este já estava morrendo. O que ele nos diz é que esse negócio de Édipo não está com nada, pois o que acontece no Terceiro Império é o nascimento do Pai simbólico. Vejam que já é um grande passo parar com esse negócio de Édipo, de querer

comer a mãe, etc. Trata-se, sim, aí, da passagem da referência do Primário para o Secundário. É a emergência em cada um da ideia de *Simbólico*, que vai aparecer em sua referência pessoal como entendimento de Pai. Por isso, diz ele que o que importa é o Pai Simbólico, que chamou de Nome do Pai. Como estava respeitando o saber de seu momento – o saber antropológico, estruturalista, linguístico, semiótico –, construiu uma teoria inventando, então, o Nome do Pai. Ele o define como “o significante” – que tomou da linguística, espremeu e ficou só com o bagaço – “que, no campo do Outro” – ou seja, no campo do Simbólico –, “é o significante do Outro enquanto lugar da Lei”. Isto é a definição da emergência do Segundo Império, que Freud não soube fazer bem e foi buscar na literatura grega com o Édipo – e que Lacan reencontrou nas orações do Cristianismo.

O pensamento de Lacan é um pensamento de Terceiro Império. Desde que o estruturalismo faleceu, começou a aparecer o que chamavam de pós-estruturalistas, uma cambada enorme, alguns brilhantes, outros meio idiotas, na tentativa de colocar em xeque as formulações do estruturalismo. No campo da psicanálise, ninguém conseguiu. Alguns meteram a mão em Lacan, pensaram uma coisa aqui, outra ali, inventaram uma filosofia de quinta categoria, mas é a zorra pós-estruturalista. É preciso mais, é preciso tentar repensar e fazer o esforço de construção de um

aparelho que, ainda que seja psicanalítico, se é que interessa, que possa dar conta do fenecimento do Terceiro Império e da emergência do Quarto. Essas referências não servem mais, o lacanismo morreu, só sobraram lacanianos, disso estamos cheios. Quando se manifestam é evidente que dizem bobagens de montão. O lacanismo não acabou hoje. Quando estive com Lacan nos anos 1970, fazendo análise, trabalhando em seu departamento na Universidade de Paris, meu susto foi entender que aquilo já tinha morrido. Lá, isto era visível, mas aqui compramos matéria plástica usada. Então, quando eu era apedrejado por fazer o esforço de introduzir o pensamento de Lacan no Brasil e as pessoas estavam na dificuldade de entender do que se tratava, lá estava claro que aquilo não se segurava mais, que estava moribundo. De qualquer forma, o que tinha para trazer era Lacan. Infelizmente, o Brasil é assim, retardado. Sempre foi, está na bandeira brasileira: Ordem e Progresso. É o positivismo daquele maluco do Auguste Comte, que chegou aqui atrasado. Quando a Europa produzia modernismo, impressionismo, expressionismo, etc., em 1816 o Brasil manda buscar a Missão Artística Francesa. Um bando de acadêmicos, péssimos artistas que vieram estragar o **Maneirismo** brasileiro que estava nascendo há muito tempo em Minas Gerais e arredores.

38. O que está acontecendo, meus caros, é que estamos entrando no Quarto Império. Há muito a dizer sobre isso. O que tenho tentado fazer – por isso, no cartaz de divulgação destas conferências está escrito: **Zig/Lac: Mag: a razão de um percurso** – é escapar do Terceiro Império. Isto, com a mesma psicanálise. Daí eu dizer que é: **NovaMente**. Há que começar novamente tudo que Freud e Lacan fizeram, mas agora com outra constituição que não aquela que Lacan teve. Meu momento é outro, o que estamos vivendo é outra coisa, nossos materiais são outros, nossa sintomática é brasileira, não sou francês. Lacan é descaradamente um francês, ele e sua linhagem. Freud é descaradamente um cara de língua alemã.

O Brasil sempre se recusa a ser si mesmo, a tentar pensar e produzir segundo nossa sintomática, que é bacanérrima, muito boa, faz-nos pensar coisas que eles nunca ousaram e nem conseguiram por não terem esta sintomática. Nós a temos. Se não a assumirmos, nunca iremos tomar a palavra. Seja o que for que eu esteja construindo – não importa se é bom ou ruim, e sim que é uma tentativa de construção específica –, não posso ficar repetindo a baboseira do século XX, que, como disse de outra vez, é completamente psicótico. Façam o rol do que aconteceu e verão grandes psicoses como: psicanálise, uma baita psicose, Lacan sempre soube disto; teorias científicas completamente delirantes,

ninguém até hoje sabe resolver a física quântica; política, com Hitler, Stalin, Mao-Tsé Tung, Mussolini, Fidel Castro... A psicose paranoica foi a dominante no século XX. Tanto é que, como também já disse aqui (na segunda seção), se lerem transversalmente, com esta visão, a obra de Freud, verão que ele construiu seu aparelho sobre a ideia de *neurose*. Não que ele não tenha trabalhado a psicose, mas sua base conceitual é sobretudo a *histeria*. Lacan é aquele que resolveu constituir um projeto clínico e teórico sobre a *psicose*. Isto é declarado por ele, não estou inventando. Ele até se diz psicótico, pelo menos enquanto autor.

Meu projeto é *Progressivo*. Interessa-me saber aonde a dissolução de conhecimento pode me levar. Chamam a isto de perversidade científica, mas não é perversidade, e sim progressividade. Não está baseado em recalque e muito menos em HiperRecalque. Como sabem, chamo de HiperRecalque o que funda o psicótico, sobretudo o paranoico. Meu percurso está, portanto, baseado no *projeto progressivo*, o que dá em coisas ótimas e em coisas péssimas – como qualquer projeto, aliás. Não adianta chamar as pessoas de perversas porque optam pela progressividade. Isto é intriga das beatas do século XX. Algo que o Quarto Império tem que evitar é o *ideologema imperativo*. Até o século XX, achava-se que uma teoria científica tinha que ser extremamente coerente e nada podia fugir a seu projeto. Hoje,

sabemos que isto é uma asneira, pois qualquer teoria, científica ou não, é apenas regional, precisa dialogar com e mesmo incluir as outras.

Em 2006, fiz um Falatório extenso intitulado **AmaZonas** somente sobre isto: **a psicanálise é inclusiva**. A de Lacan não o é. Freud era um pouco mais inclusivo. É por não ser inclusivo, por apostar estritamente no Secundário, que o Doutor Lacan inventa coisas absurdas. É coerente e bonito, mas é absurdo. Por exemplo, a ideia de que a psicose resulta de *foraclusão* do Nome do Pai. Hojendia, declaro que isto é uma bobagem. É coerente com seu projeto teórico, mas não é verdade. É a suposição de que, quando atravessamos o Segundo Império, quando temos o nascimento do simbólico – portanto, o surgimento do Pai enquanto simbólico –, se isto não acontecer ficamos malucos. Não é assim. Quando isso não acontece ninguém fica maluco, a pessoa fica *sem*, é quase um bicho. Isso não cria psicose alguma. Tomo a *foraclusão* do Nome do Pai como prova de que, para ser coerente com seu projeto, ele – depois de ficar em dúvidas enormes – sacou isso. Basta lerem seu seminário sobre *As Psicoses* que o verão ir até o meio do livro pensando uma coisa e, de repente, um dia, ter essa luz coerente com a teoria. Aí coloca isso lá, e colou.

Se, então, acompanharmos a produção das culturas, do Ocidente pelo menos, veremos que o que acabo de dizer é

praticamente uma evidência. Não é assim porque quero, foi o que percebi como uma evidência. Não quer dizer que seja A verdade. Felizmente, há mais gente que pensa para podermos dialogar.

39. ● P – *Me pareceu difícil entender que o Primário venha à frente do Originário.*

O Originário é a origem *desta condição nossa*. Quando falo em Originário parece que é a origem de tudo. É também, pois suponho que o Haver funciona assim. Algumas teorias cosmológicas dizem que os universos, ou o “todo” do universo vai tendendo para o desaparecimento, para a morte, a partir de um Big Bang, mas que, certamente, depois vem um Big Crunch e isso retorna. Então, isso gira assim: morte e vida, morte e vida... Mas estou falando *do Originário de nossa situação*. O Primário está aí, já havia bicho. Dentro da macacada aconteceu um fenômeno que produziu isso que somos e nenhuma outra espécie é. Por isso, digo que é *o Originário disso que somos, que fazemos, de nossa loucura*. Não haveria Originário se o macaco não tivesse passado por esse fenômeno de uma origem, que dá um salto para fora, que sai do espontâneo e vira industrial, no sentido de produzir próteses que nenhum bicho produz. Não conhecemos animal ou espécie – talvez esteja por aí como ET – que faça o que fizemos.

● P – *Não vai haver conflitos sempre, e não apenas na entrada do Quarto Império?*

Conflito não acaba nunca. Falei dos conflitos *atuais*. O mundo está conflituado no sentido da mudança de Império.

● P – *O mundo me parece estar idiota.*

Também, mas isso ele já era, não é novidade. Estamos agora em total conflito e vai aumentar. É conflito de pensamento, de tudo, na virada de Império.

● P – *A sequência dos Impérios enquanto Creodo serve tanto para cada pessoa quanto para os acontecimentos em geral. Com relação ao sintoma brasileiro, se aqui há emergência de ótimas coisas, o que falta, então, seria a decisão pela aceleração do que aqui emerge?*

Falta a decisão da *assunção* do que aqui emerge. Não desenvolverei agora, mas vários autores que vocês conhecem, Raimundo Faoro, Vianna Moog, Gilberto Freyre, Oswald de Andrade e outros, tentam entender o sintoma brasileiro. Eles demonstram que há uma sintomática brasileira de alienação ao estrangeiro, de não referência à própria estrutura sintomática, à própria produção cultural. Brasileiro vive comprando bugiganga. Estamos até hoje feito índios comprando espelhinho, colarzinho, as bugigangas que vêm de fora. Nem ao menos as compramos para,

como fazem os japoneses, roubar, copiar tudo e fazer melhor. Essa história da cultura brasileira é longuíssima.

● P – *E isso resultaria em regressão, no sentido de Morfose Regressiva que você coloca?*

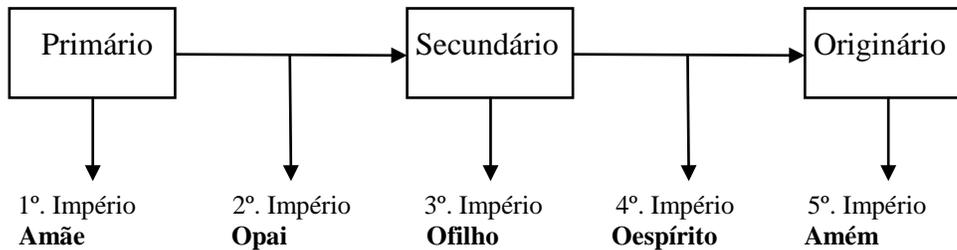
Isso resulta em *paralisia*, é neura pura. Num país que teve a sorte de ter uma cultura razoavelmente progressiva, a América do Norte, por exemplo, diante de algo que lá surge, imediatamente o pessoal se orgulha e fatura. Aqui, abrimos a boca para dizer as loucuras que estou dizendo, não é fácil, todos querem matar. Há que ser muito cara-de-pau e tihoso para continuar dizendo. Se não, nem comer nos deixam mais. Isso é típico do Brasil, como sabem.

● P – *O que é a informação como Oespírito?*

Oespírito é pura informação. É a ideia de que é preciso dominar e conhecer o processo informativo, seja no Primário, seja no Secundário. Estamos vasculhando a genética, o cérebro, isto é que é querer saber como é o processo informativo que resulta em tal coisa ou em tal outra. Como já disse, faço a conjetura de que, **em última instância, é tudo homogêneo**, de que toda essa joça, essa parafernália, veio da mesma substância. Não estou dizendo nada demais, pois o século XVII, com Espinosa, já dissera isto. Hoje, cientistas como Stephen Wolfram também procuram mostrar isto. Ele é um matemático que inventou um *software* que o deixou

zilhonário – e que usa sua fortuna para continuar inventando o processamento computacional que ele quer levar a resolver até mesmo o Primário. Sua conjectura é que uma única forma informacional criou tudo. Gostaria que fosse verdade. É isso que chamo de Oespírito. Não estamos mais procurando na carne, e sim no informacional que existe dentro do Primário. Como pôde este universo aparecer? Aí vem, por exemplo, a *teoria das cordas* com suas *branas*. Ela é completamente delirante, mas vai chegar nalgum lugar. É isso que chamo Oespírito que, junto com o Secundário e a emergência do Originário, quer ser a conjunção e a dominância do Quarto Império.

O **Quinto Império**, de que não falei hoje, seria algo que nem consigo imaginar – o Quarto já está difícil –, mas seria um Império que tivesse referência hegemônica somente ao Originário:



Se andarmos para a frente, suponho que *eles* chegarão lá, nós não vamos. Chamo-o de **Império do Amém**: assim seja, topando tudo, ao que quer que apareça, dizer *amém*.

10/SET